

ACHADOS DA IDADE DO BRONZE NO MONTE DA PENA (BARRO/TORRES VEDRAS) — NOTÍCIA PRÉVIA

Por

JOÃO MADEIRA, JOÃO LUDGERO GONÇALVES,
LUÍS RAPOSO E RUI PARREIRA

Situado junto ao Sanatório do Barro, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa, o local é já conhecido nos meios arqueológicos desde princípios deste século.

Quando das obras de construção do monumento à Santíssima Virgem, no alto do Monte da Pena, inaugurado em Maio de 1908, e dos respectivos acessos, começa a aparecer grande quantidade de materiais pré-históricos que o P.^o José Joaquim d'Abreu Campo Santo, do então Colégio do Barro, vai recolhendo e guardando. Levado pela existência destes materiais o francês P.^o Paul Bovier-Lapierre faz prospecções no local e descobre, em princípios de 1909, a *tholos* do Barro, situada no lado Sul do alto do Monte da Pena. Em 29 de Abril desse ano, ele, Eugénio Jalhay e Félix Alves Pereira, do então Museu Etnológico Português, dão início à exploração deste monumento, cujo material deu entrada nas colecções daquele museu, actualmente Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, onde ainda hoje se encontra.

Em 26 de Novembro de 1940, pelo decreto 30 762, a *tholos* do Barro é oficialmente declarada Monumento Nacional. (Cf. F. Alves

Pereira, *O Arch. Port.* 14, 1909, pp. 354-369, e E. Jalhay, *Badaladas* 15, 19 e 21, 1949).

Ao longo de vários anos o Monte da Pena sofre a exploração de uma pedreira que quase atinge a construção pré-histórica.

Apesar de inúmeras referências ao monumento e inclusivamente à publicação de várias plantas mais ou menos completas, o material nunca foi devidamente publicado até ao aparecimento dos *Megalithgräber*. É em 1965 que Vera Leisner publica os materiais (*Madriider Forschungen* I, 3, pp. 4-6; Taf. 1-2). Chama no entanto a atenção para a existência, nos fundos do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de mais material proveniente dos arredores da *tholos* do Barro e do próprio monumento, assinalando a existência de um povoado no Monte da Pena. Esta posição seria igualmente tomada por Schubart, na monografia do castro da Pedra de Ouro, ao referir uma continuidade na ocupação dos povoados calcolíticos, de que o *povoado na encosta do Barro* seria um exemplo a assinalar (cf. Leisner/Schubart, *Madriider Mitteilungen* 7, 1966, p. 46, nota 73).

Em 3 de Outubro de 1965 Leonel Trindade recolhe cerâmicas à superfície nos arredores da *tholos* — os fragmentos guardam-se no Museu Municipal de Torres Vedras e são datáveis uns na Idade do Bronze final, outros, duvidosamente, no Calcólítico. Também se guarda naquele museu um machado plano, fracturado, recolhido junto da *tholos* por Eduardo Ferreira, do Varatojo, e a ele adquirido em 1932, cuja análise revelou ser de bronze (SAM., análise n.º 1712; cf. A. R. Belo, *Estremadura, Boletim da Junta de Província*, 38-40, 1955, pp. 109-121, est. I, 4, e A. do Paço, *Bol. Cult. da Junta Distrital de Lisboa* 61/62, 1964, pp. 307-314).

Em princípios de Dezembro de 1971 os signatários, alunos da Faculdade de Letras de Lisboa, em visita à *tholos* do Barro, identificam e retiram do corte da pedreira, a cerca de 10 m para Noroeste da *tholos*, o conjunto de achados das figs. 1 a 3, além de outros fragmentos de cerâmica lisa, grosseira, tudo aglomerado num espaço de cerca de 50 cm num estrato de terra com pedras misturadas que

atinge cerca de 60 cm de profundidade sobre o calcário da base.

Descrição dos objectos (desenhos de R. P.):

Fig. 1—Recipiente de cerâmica de forma compósita, fabricado sem torno; composto de vários fragmentos ajustáveis, no conjunto cerca

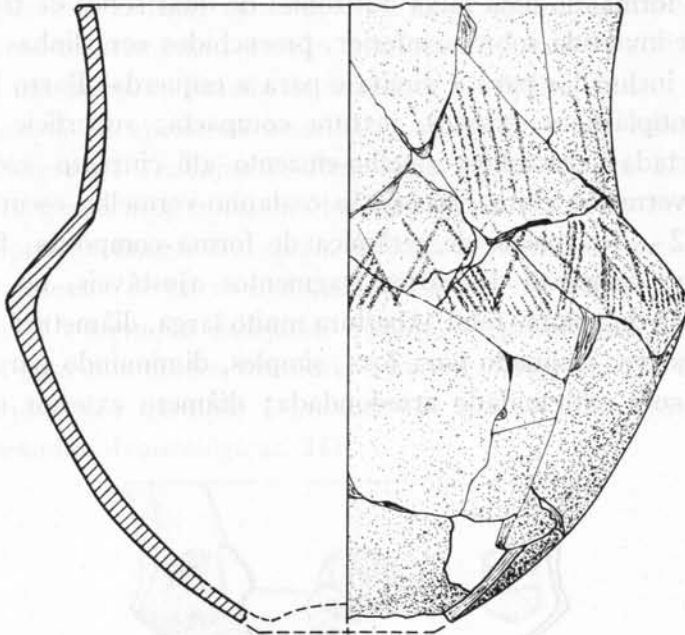


Fig. 1 — Esc. 1 : 2

de 2/5 do volume total. Abertura larga, diâmetro: 13,5 cm; bordo levemente côncavo, ligeiramente inclinado para fora, simples, com extremidade levemente convexa; diâmetro exterior no ponto de tangência vertical interna: 12,8 cm. Corpo compósito, de curva descontínua, com dois pontos de intersecção opostos; parte superior côncava, ligeiramente inclinada para dentro; diâmetro exterior no ponto de intersecção superior: 13,5 cm; parte média convexa, inclinada para dentro, em forma de ombro; diâmetro exterior no ponto de intersecção inferior (ponto de tangência vertical externa): 16,8 cm; parte inferior convexa, inclinada para fora. Base indefinida (provavelmente inte-

grada no corpo, recta na parte exterior, convexa na interior, definida por truncatura do corpo, por comparação tipológica). Decorado em redor na superfície externa do corpo com motivos reticulados brunidos, pouco destacados do fundo e por vezes de difícil identificação; sobre a parte superior padrão de linhas oblíquas paralelas inclinadas para a esquerda; sobre a parte média padrão de linhas oblíquas entrecruzadas, formando uma faixa horizontal de duas séries de triângulos, a superior invertida sobre a inferior, preenchidos com linhas oblíquas paralelas, inclinadas para a direita e para a esquerda. Barro fino, elementos antiplásticos escassos, textura compacta; superfície lisa, em parte afectada; castanho-vermelho-cinzento até cinzento-castanho e castanho-vermelho claro; decoração castanho-vermelho escuro.

Fig. 2 — Recipiente de cerâmica de forma compósita, fabricado sem torno; composto de vários fragmentos ajustáveis, no conjunto cerca de 2/5 do volume total. Abertura muito larga, diâmetro: 11,0 cm; bordo côncavo, inclinado para fora, simples, diminuindo para a parte superior, com extremidade arredondada; diâmetro exterior no ponto

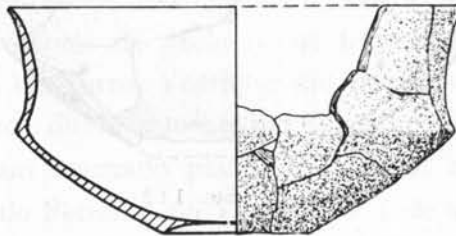


Fig. 2 — Esc. 1 : 2

de tangência vertical interna: 10,2 cm. Corpo compósito, de curva descontínua, com um ponto de intersecção; parte superior côncava, ligeiramente inclinada para dentro; diâmetro exterior no ponto de intersecção: 10,7 cm; parte inferior convexa, inclinada para fora. Base média, integrada no corpo; no interior convexa, em continuidade com o corpo, no exterior côncava, definida por truncatura do corpo, formando um *omphalos*; diâmetro no ponto de intersecção da base: 3,6 cm. Sem decorações. Barro fino, elementos antiplásticos abundan-

tes, textura compacta; superfície áspera; cinzento escuro com aguada externa e interna castanho-cinzento escuro até castanho-vermelho escuro (nalguns pontos ausência de fractura cinzento-escuro).

Fig. 3 — Conta de ágata, inteira, em parte afectada pelo tempo. Secção longitudinal bitroncocónica; secção transversal circular; arestas boleadas nos pontos de intersecção; diâmetro máximo: 1,1 cm. Perfuração longitudinal estreita, não exactamente centrada; secção longitudinal troncocónica; secção transversal circular; obtida por rotação de um punção. Raiada de branco e vermelho escuro.

O vaso n.º 1 apresenta semelhança com outro proveniente de Alpiarça (Schubart, *Trabajos de Prehistoria* 28, 1971, pp. 153-182, fig. 9 a). O conjunto aqui apresentado, datável na Idade do Bronze final, pertence provavelmente ao espólio de uma sepultura e vários fragmentos de recipientes de barro estão ainda no terreno, não se tendo ainda procedido à escavação desejada. (Sobre os problemas da cerâmica decorada com reticulados brunidos e outros elementos que a acompanham veja-se por exemplo Schubart, *op. cit.* e Cunha Serrão, *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, II).



Fig. 3 — Esc. 1 : 1

Graças à amável autorização do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, que também orientará a continuação dos trabalhos de campo, para os quais foi já pedida a necessária autorização à Junta Nacional da Educação, estamos a proceder ao estudo do material existente nos fundos do Museu Nacional de Arqueologia. Surgiram já elementos datáveis na Idade do Bronze, provenientes dos arredores da *tholos* e do seu interior (nomeadamente fragmentos de cerâmica com decoração brunida). Estes elementos estão de acordo com outros encontrados na *tholos* e já publicados (como os «anéis» de bronze e alguns fragmentos

de cerâmica — cf. *Madriider Forschungen* I, 3, loc. cit., Schubart, *op. cit.*, pp. 23-24, e tb. Leisner/Schubart, *op. cit.*, p. 32). Aliás não é este o único caso de uma ocupação de um túmulo de cúpula durante a Idade do Bronze (cf. Gallay/Spindler, *Madriider Mitteilungen* 13, 1972, pp. 38-108, e aí em especial p. 76).

Também no Museu Municipal de Torres Vedras estudámos já o material mais atrás referido, aí depositado, para o que fomos autorizados pelo seu director, Sr. Leonel Trindade, a quem muito agradecemos.

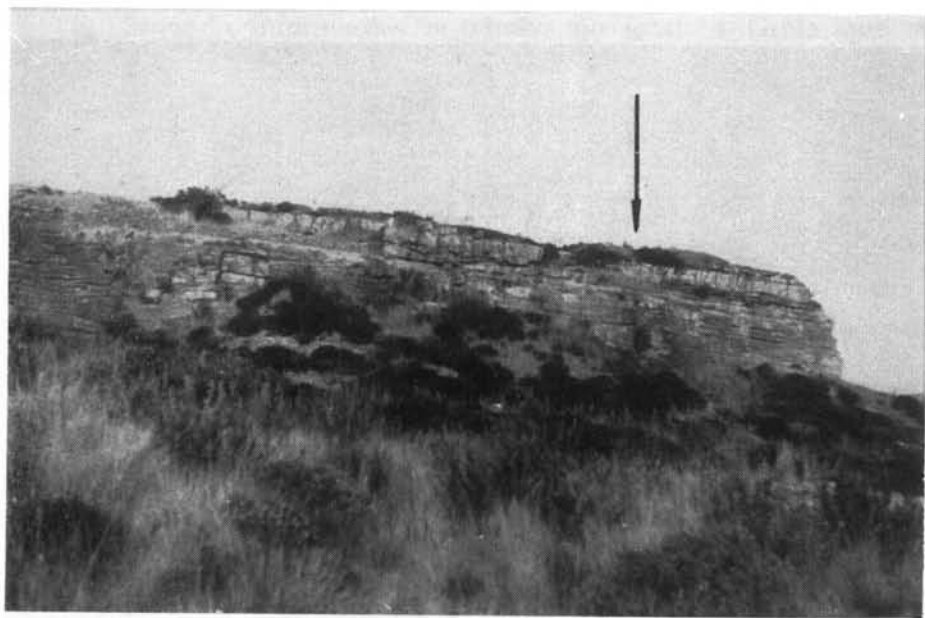
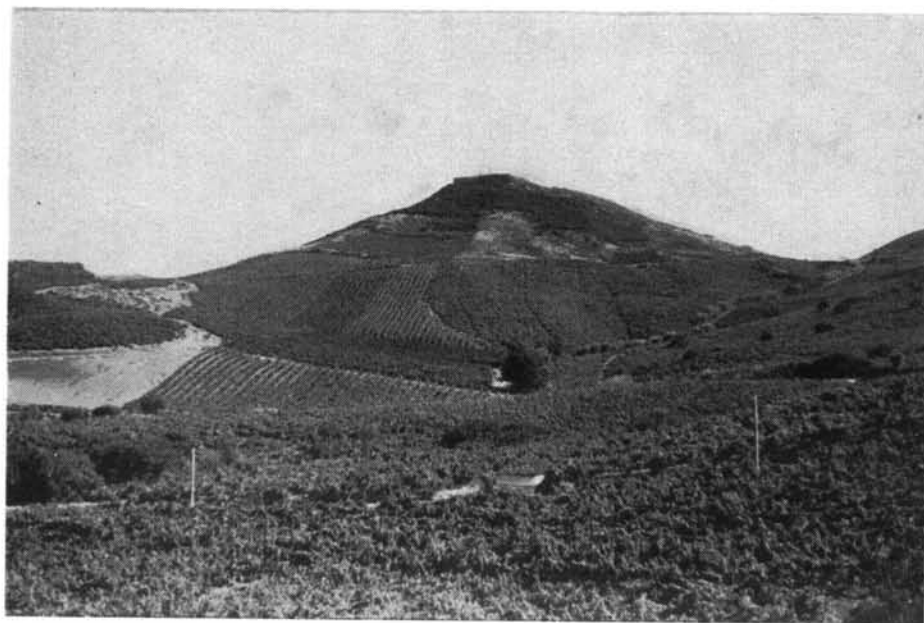
É provável a existência de sepulturas do Bronze Final nas imediações do monumento do Barro. A hipótese de um povoado, admitida pelos dois investigadores alemães acima citados, não tem de ser necessariamente posta de parte: alguns elementos deixam ainda supor a existência de um horizonte de ocupação mais antigo no local, que não a *tholos*, não se podendo por enquanto afirmar nada de concreto.

De qualquer modo verifica-se estar a estação infelizmente já muito destruída, em virtude da exploração da pedreira, surgindo por toda a superfície diversos fragmentos de cerâmica. Quanto aos materiais acima citados, que temos em estudo, serão dados brevemente a conhecer numa publicação mais pormenorizada.

R É S U M É

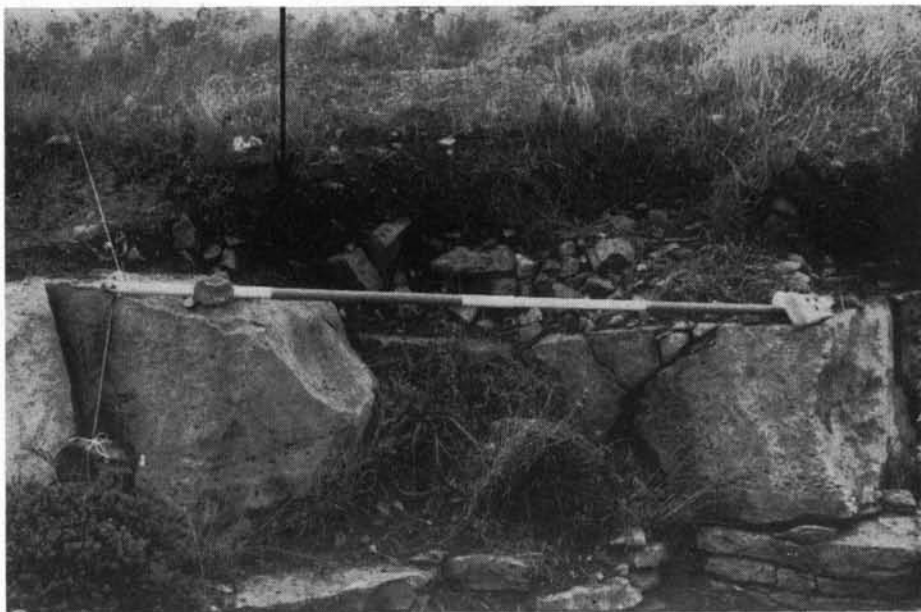
Après historier les recherches anciennes au Monte da Pena, 1 km au SO de Torres Vedras, où est située la *tholos* de Barro, de construction chalcolithique et qui a aussi fourni des éléments de l'Age du Bronze, les auteurs présentent un ensemble de trouvailles daté dans le Bronze Final identifié et retiré d'une coupe de l'exploration d'une carrière sur le haut du Monte da Pena, 10 m au NO de la *tholos*, constitué par les objets des figs. 1 a 3, aussi bien que par des fragments de céramique grossière. Cet ensemble, peut être appartenant au mobilier d'une sépulture, et quelques matériaux provenant des anciennes investigations qui se trouvent aux musées de Belém et Municipal de Torres Vedras, font admettre l'existence de sépultures du Bronze Final aux environs de la *tholos* ou même d'un *castro*, hypothèse qui ne doit pas être mise à part.

Achados da Idade do Bronze no Monte da Pena



Monte da Pena — a) Vista geral, de Norte; b) O corte da exploração da pedreira, no alto do monte, visto de Ocidente: a seta indica o local dos achados.

Achados da Idade do Bronze no Monte da Pena



Monte da Pena — a) Local dos achados: a seta indica as cerâmicas *in loco* da foto b) (Novembro de 1972); b) Cerâmicas *in loco*.